INTRODUÇÃO

Igor José de Renó Machado

O que há de novo e o que há de conhecido no que se refere às imigrações brasileiras para Portugal? Esta é a questão que permeia a organização desta coletânea. Os textos aqui apresentados oferecem um panorama bastante eficiente da experiência dos imigrantes brasileiros em Portugal. Mas, se a intenção é dar um amplo espectro de informações, o conjunto de textos tem um viés mais acentuadamente antropológico, focado em estudos de caso e experiências de trabalho de campo. Esta obra traz para mais perto a experiência vivida dos brasileiros, sem deixar de se preocupar em apresentar uma série de informações gerais e mais abrangentes sobre tal fenômeno.

Para o público português, é evidente que a migração brasileira representa tanto uma continuidade de padrões mais antigos quanto uma novidade. A imigração brasileira pode ser vista como “lusófona” (com todos os reparos que se pode e deve fazer a essa nomenclatura), ou seja, guarda relações com as migrações de outros ex-sujeitos coloniais. Assim, seria possível colocar lado a lado a migração brasileira e a cabo-verdiana, embora esta última preceda a primeira em mais de uma dezena de anos. A migração brasileira, dentro de uma perspectiva portuguesa, é compreensível à luz da experiência colonial, ou seja, faz parte de um quadro cognitivo que explica e dá sentido à movimentação de pessoas entre Brasil e Portugal. Tem-se, assim, uma “velha” imigração.

A imigração brasileira pode ser também colocada ao lado das novas migrações para Portugal, juntamente aos imigrantes do leste. Este nome encobre, em Portugal, uma diversidade de populações que provêm do antigo mundo socialista europeu: ucranianos, russos, moldavos etc. Como esse novo fluxo, a movimentação

de brasileiros revela uma intensidade e vitalidade que fazem dela algo em constante expansão, diante dos números menos significativos da “velha imigração”. Assim, seja a partir da normalidade classificatória que assimila dentro de um contexto lógico a presença de brasileiros, seja a partir de um olhar admirado com a extensão e vitalidade do movimento, a imigração brasileira pode ser vista como nova e velha ao mesmo tempo. Isso de um ponto de vista português.

Por outro lado, a imigração brasileira tem características muito distintas tanto das outras migrações “lusófonas” como das novas migrações de países do leste europeu, como Ucrânia, Moldávia, Rússia, Romênia. Em um primeiro momento, a imigração brasileira assemelhava-se mais à imigração de europeus “do norte” (o que sempre significa “mais ricos”), ou seja, mais qualificada e posicionada em lugares mais altos nas hierarquias do mercado de trabalho (PEIXOTO, 1999 e 2002; BAGANHA, FERRÃO & MALHEIROS, 1999) ou, ao menos, vista como estando entre a imigração rica europeia e a imigração pobre africana (MACHADO, 1997). Em um segundo momento, essas características mudaram, e a imigração brasileira caminhou cada vez mais para um assemelhamento com as imigrações da África. As qualificações são menores, os cargos ocupados no mercado de trabalho são os do “setor primário” (PEIXOTO & FIGUEIREDO, neste volume), as expectativas são menos promissoras e a integração é mais difícil (PADILLA, neste volume).

Não é por menos que as análises sobre essa população brasileira em Portugal têm tendido a dividi-la em duas fases, ou duas vagas: uma primeira mais rica e uma segunda mais pobre (CBL, 2004). Essa situação impõe outras novidades diante do fenômeno da migração brasileira: a mudança gradual no perfil do imigrante ao mesmo tempo em que aumenta substancialmente o total da população brasileira em Portugal. Desde que surgiu e foi percebida nos anos 1980, a população brasileira em Portugal esteve entre as mais significativas e importantes. Atualmente, é o maior grupo de imigrantes, mas, ao contrário da imigração do leste europeu, que parece arrefecer, a imigração brasileira não dá sinais de enfraquecimento de seus fluxos.¹ Dada essa relevância numérica e simbólica, é de se estranhar o número reduzido de trabalhos dedicados a essa temática, diante dos estudos sobre outras populações imigrantes portuguesas. Esta coletânea pretende contribuir para a solução dessa falta sistemática de informações, no que se refere aos brasileiros em Portugal.

1 Rui Pena Pires, comunicação pessoal.

II

De um ponto de vista brasileiro, esse fenômeno sobre o qual a coletânea se debruça é ambivalente. Para os brasileiros, todo o processo imigratório é novo e surpreendente. Acostumado a se definir como país de imigrantes, passa a confrontar-se com o novo fato da emigração internacional, que é desafiadora à construção da nacionalidade em vários sentidos: ela, por exemplo, impõe uma nova dinâmica populacional, uma vez que cerca de 1,5% da população brasileira vive atualmente no exterior (OLIVEIRA, 2001); ou seja, o próprio crescimento populacional brasileiro foi atingido pela saída massiva de seus nacionais. Esse processo atinge o centro das ideologias nacionalistas (Fox, 1990), pois resulta em uma contradição aos velhos princípios da democracia racial. Fora do país, seguindo essa lógica, o brasileiro deveria deixar cada vez mais de sê-lo e integrar-se às comunidades de recepção, ou seja, a emigração coloca o discurso da democracia racial no foco de novas dúvidas.

No que toca especificamente à imigração brasileira em Portugal, existe certa invisibilidade sistemática.² O volume da migração para os EUA e Japão, principalmente, parece centralizar a atenção tanto dos pesquisadores como da mídia em geral. Dentro do quadro geral da migração internacional, os brasileiros em Portugal representam, segundo dados do MRE,³ a quarta população em termos de volume, com cerca de 100 mil migrantes. Os dados oficiais portugueses, apresentados pelo SEF, indicam cerca de 66 mil brasileiros em situação legal em 2004.⁴ Esse movimento populacional é bem menos conhecido que os direcionados aos EUA (MARTES, 1999; SALES, 1999; REIS & SALES, 1999; MARTES & FLEISCHER, 2003; MARGOLIS, 1994; RIBEIRO, 1999; ASSIS, 1999; entre outros); ao Japão (KAWAMURA, 1999; SASAKI, 1998; ROSSINI, 2000; ROTH, 2002; TSUDA,

2 Com algumas exceções, como as notáveis considerações mais abrangentes sobre a imigração brasileira em Portugal apresentadas por Feldman-Bianco (2001) e os trabalhos de alguns de seus ex-orientandos, como Gustavo Santos (1996 e neste volume), além de Machado (2003 e neste volume). Ver também o crucial trabalho de Bógus (2005).

3 Retirado do site: <<http://www.mre.gov.br/portugues/questoes/download/rcn2002.xls>>, em 4/5/2005. Os dados referem-se ao ano de 2002, estando desatualizados.

4 Informações retiradas do site: <www.sef.pt>, em 4/5/2005. A estimativa foi feita pela soma do total de residentes em 2004 com o total de Autorizações de Permanência entre 2001 e 2003. Há vários problemas com os dados sobre imigrantes em Portugal, segundo Peixoto (neste volume).

2003; YAMANAKA, 1996; LINGER, 2001; entre outros); e ao Paraguai (SPRANDEL, 1992; PALAU, 2001; entre outros).⁵

Obviamente, os processos que resultam da presença de brasileiros em vários e diferentes contextos nacionais são eles mesmos variados e flexíveis. Os diferentes contextos de construção de identidades resultam, portanto, em distintos posicionamentos (HALL, 1996) em relação ao discurso nacional brasileiro. Ao mesmo tempo, a emigração internacional brasileira vai ganhando uma densidade simbólica que passa a fazer parte da forma como o Brasil se vê, ou seja, a emigração passa a ser também tratada como algo dado, “velho”, realizado e realidade incontornáveis. Se antes as visões sobre a emigração internacional brasileira eram catastróficas, exotizadas, desfocadas, agora o fenômeno passa a ser tratado com mais cuidado e com alguma pretensão já historiográfica.

O exemplo dessa normalidade, que a torna “velha”, é nada mais nada menos que a novela da Rede Globo de televisão, “América”, em que a emigração para os EUA é parte natural do cenário onde se desenvolve a trama dos personagens principais. O fenômeno da emigração é assumido como um fato irreversível e como parte de um Brasil diferente. Por outro lado, o Brasil descobriu também o imigrante como uma fonte de divisas e não se preocupa em reificá-lo como um produtor de equilíbrios fiscais no orçamento da nação. De um ponto de vista do Estado brasileiro, o emigrante passa a ser considerado um fator de ajuste da balança de pagamentos: a questão da remessa é fundamental para esse entendimento. É possível ver esse processo como um sintoma do “envelhecimento” do fenômeno, a partir de uma ótica brasileira. O *Valor Econômico*, jornal brasileiro especializado em economia, por exemplo, indica o valor monetário do emigrante. A reportagem “Remessas de brasileiros atraem bancos locais”, de 6/5/2004, informa como os bancos brasileiros estão entrando na disputa pelas remessas de brasileiros. Isso demonstra que as remessas são um fenômeno monetário significativo. Segundo o BID, o total das remessas chegou a US\$ 5,2 bilhões em 2003.⁶

Em outra reportagem, dessa vez da *Gazeta Mercantil*, do dia 22/4/2004, Rodrigo Mesquita expõe a soma total de remessas enviadas por emigrantes brasileiros em Portugal. Em 2003, as remessas por meio do Banco do Brasil chegaram a 100

5 Reflexões mais gerais sobre a imigração brasileira são oferecidas por Patarra (1996a, b), e uma resenha sobre a questão foi realizada por Assis & Sasaki (2001).

6 Dados expostos no jornal *Gazeta Mercantil*, de 12/4/2004, em reportagem de Alex Ribeiro.

milhões de euros, segundo o administrador do banco em Portugal, Gladstone Biqueira. O volume real de transferências, entretanto, deveria ter se situado em torno de 350 a 400 milhões de euros, mas este “(é) um número difícil de ser mensurado porque boa parte dessas remessas passa por canais que não são controlados pelo Banco Central brasileiro”, diz o administrador para a reportagem. O crescimento das remessas em todos os contextos de migração internacional brasileira é fruto de uma estratégia especializada do banco, implementada anteriormente entre emigrantes brasileiros no Japão. Esta “pedagogia da emigração” significou a busca de novos clientes pela abertura de contas e inclui a abertura de cinco novas agências do Banco do Brasil em Portugal, que já possui 30 mil clientes, cobrindo boa parte da emigração brasileira no país (MACHADO, 2004).

Voltando aqui à especificidade da emigração brasileira para Portugal, nota-se que mais elementos complicam a relação entre o “novo e velho” nesse processo. Esses elementos referem-se à complexa relação entre os países e à ainda mais complexa relação entre seus cidadãos. Emigrar para Portugal pode ser visto como uma espécie de “volta à casa” e, portanto, não pode ser algo novo. A extensa relação entre famílias divididas pelo Atlântico resultou em movimentações constantes de pessoas entre os dois lados do oceano ao longo do século passado. Mesmo que não se possa comparar esse movimento com os grandes fluxos de pessoas do fim do século XIX e começo do XX no Brasil, ou com o fluxo do final do século XX e começo do XXI em Portugal, é certo que pessoas *sempre* migraram entre Brasil e Portugal.

Portugueses regressavam à terra natal e levavam seus filhos brasileiros, muitos regressavam novamente ao Brasil. Situações políticas distintas acentuavam a movimentação em sentidos contrários: anti-salazaristas exilados no Brasil, anti-comunistas também, militantes de esquerda brasileira emigrando para Portugal então comunista etc. (FELDMAN-BIANCO, 2001; MANSUR DA SILVA, 2002; CAETANO DA SILVA, 2003). De um ponto de vista português, os brasileiros sempre vieram a Portugal: antes eram esses brasileiros os “torna-viagens”, os portugueses emigrados no Brasil que voltaram para Portugal para lá serem reconhecidos como brasileiros (MACHADO, 2003). Para não estender demais a análise sobre este ponto, a discussão será fechada neste emaranhado de complexidades: as relações entre o novo e velho na emigração de brasileiros para Portugal são cortadas por dois eixos de significação; um deles refere-se à forma como o brasileiro se aproxima

dessa realidade e a outra, como Portugal reage a ela. Nos dois eixos há distinções entre outros “novos e velhos”, que remetem diretamente à história densa e complexa entre os dois países.

III

Dito isso, passa-se, agora, a refletir sobre a construção da identidade brasileira no contexto imigratório português. Tantas variáveis apontam para um fato do qual não se pode escapar ao tratar desse fenômeno: lida-se não com uma, mas com *várias* identidades. As identidades brasileiras construídas a partir da experiência da imigração são distintas entre si, cortadas complexamente por: 1) questões de classe entre a população imigrante; 2) questões de temporalidade da imigração; 3) questões de gênero; 4) questões de ascendência portuguesa (por sua vez diferenciadas por graus diferentes de ascendência); 5) questões de cor/raça; 6) questões de ocupação no mercado de trabalho; 7) questões de origem regional; e, finalmente, 8) questões de religião, entre outras possíveis.

Foram citados ao menos oito diferentes eixos de clivagem nos processos de construção de identidades brasileiras em Portugal. Considerando que eles se combinam semi-aleatoriamente, formando configurações diferenciadas e posicionamentos diferentes, e que outros eixos podem ser tão relevantes quanto estes, é possível ter uma dimensão apropriada de como a idéia de *uma identidade* brasileira esconde uma *diversidade* significativa de identidades que se constroem lentamente nesse contexto migratório.

Esta coletânea busca expor um pouco essa diversidade impressionante entre a população imigrante brasileira. Embora não haja aqui textos sobre todas essas clivagens possíveis, boa parte delas é objeto de reflexão dos diversos autores aqui reunidos. Na primeira parte deste livro, intitulada “Perfis”, os sociólogos João Peixoto e Alexandra Figueiredo, por exemplo, apresentam dados inéditos sobre a imigração brasileira em Portugal; e Beatriz Padilla, também socióloga, apresenta informações sistemáticas sobre as novas configurações dessa imigração, todos ressaltando distinções de classe entre as populações brasileiras em Portugal. As três partes que seguem têm um caráter mais etnográfico, sendo divididas em tópicos

que já denunciam um pouco da variedade que a experiência desses imigrantes revela: Política, Trabalho e Estereótipos.

A segunda parte do livro – intitulada “Política” – trata das regulamentações e legislações portuguesas sobre a imigração. Paulo Costa apresenta uma descrição dos distintos processos de legalização e suas respectivas conseqüências para a configuração da imigração brasileira. São analisados quatro processos diferentes, ocorridos num período de cerca de 15 anos. Já Gustavo Santos centra-se na produção de discursos e ideologias que circundaram os dois primeiros processos de legalização em Portugal. A partir do discurso de lideranças políticas imigrantes, vê-se em curso a produção de um campo discursivo que abarca a reconstrução de uma percepção legislativa da diferença em Portugal, bem como seus efeitos para a população-alvo desse processo, os próprios imigrantes.

A terceira parte – “Trabalho” – lida com aspectos centrados no universo do trabalho, ilustrando com dois estudos (Oliveira e Techio) de caso situações comuns à experiência dos brasileiros no mercado de trabalho português: tanto o trabalho nos bares e restaurantes como o trabalho na construção civil. Sérgio Oliveira descreve os processos muito duros de trabalho de imigrantes brasileiros na Costa da Caparica, marcados pela extrema flexibilização e instabilidade do regime de trabalho. A “ilegalidade” aparece como um dado crucial para a invisibilização e fragilização desses trabalhadores, cercados por uma repressão explícita que os leva a, enfim, evitar até mesmo os espaços públicos.

O trabalho de Oliveira e, tangencialmente, o de Pontes indicam também claramente que Portugal aparece em muitos casos como um degrau em uma escada migratória: os imigrantes esperam estabilizar-se em Portugal, para depois tentar a vida em outros países europeus. Essa estratégia envolve uma conexão entre redes em ao menos três países: Brasil/Portugal/outro país europeu. Káchia Techio, por sua vez, apresenta uma etnografia cuidadosa do trabalho de imigrantes nos bares e restaurantes, também na mesma Costa da Caparica, oferecendo um contraste significativo com as experiências relatadas por Oliveira. Além de refletir sobre as condições de trabalho, o texto de Techio trata de relações marcadas pela construção de práticas corporais ligadas ao atendimento a um público português que tem concepções preestabelecidas sobre os brasileiros. Essas técnicas corporais de evitamento e proteção estão também ligadas às convicções religiosas desse grupo de trabalhadores, todos evangélicos.

A quarta e maior parte deste livro trata dos estereótipos (e é assim intitulada) trocados entre brasileiros e portugueses. São cinco os textos dessa seção (Torresan, Pontes, Machado, Boas e Mansur), e essa profusão de casos analisados evidencia a importância das representações pré-moldadas de portugueses e brasileiros nessa experiência imigratória. Ângela Torresan analisa a diferença marcante na produção social da pessoa entre portugueses e brasileiros imigrantes de classe média em Lisboa. Essa diferença é explicitada por meio das concepções de amizade entre as duas populações. Torresan encontra a reprodução de um antagonismo entre espontaneidade e melancolia nessas representações cruzadas. O trabalho que apresenta, sobre brasileiros de classe média-baixa no Porto, reflete também sobre esses contrastes na representação de brasileiros e portugueses, em uma oposição semelhante: aquela entre alegria e tristeza. A intenção é demonstrar como a alegria brasileira é mercantilizada e quais os efeitos desse processo na produção de uma identidade brasileira no Porto.

Luciana Pontes, por sua vez, apresenta uma reflexão sobre as relações afetivas e sexuais entre brasileiras e portuguesas, tomando como ponto de partida um enfoque em um cruzamento entre sexo, raça e gênero. A sexualização da mulher brasileira aparece como o eixo para as configurações das relações afetivas entre brasileiras e portuguesas. A relação entre sexualização e mulheres brasileiras é o tema de Pontes, e a narrativa de suas entrevistadas corrobora o que Padilla também indica: tanto a existência dos estereótipos entre os brasileiros – ou seja, estes acreditam que a mulher brasileira é mesmo mais “quente” – como o processo de vitimização, quando se culpam alguns indivíduos pela discriminação como um todo. O texto de minha autoria também indica a recorrência e importância dos estereótipos sobre os brasileiros, tanto entre os portugueses como entre os próprios brasileiros imigrantes. Boas também explora a importância da reificação dos estereótipos, mas centrada agora no depoimento de migrantes em diferentes etapas do processo migratório. Ele demonstra a triste realidade de uma progressiva decepção com o projeto da migração.

Sobre os estereótipos, basta ver a relevância do caso das “mães de Bragança”, mencionado por dois dos artigos desta coletânea: Padilla e Pontes indicam como a repercussão desse episódio marcou a experiência de diversas mulheres brasileiras, como um exemplo típico da generalização do estereótipo de prostituta para todas as mulheres brasileiras. A questão da raça está inextricavelmente relacionada à

da sexualização da mulher brasileira: a imagem englobante da mulher brasileira, por assim dizer, é a imagem de uma mulata, indicando as fortes conexões entre as hierarquias raciais, os estereótipos de sexualidade alterada e o passado colonial. O Brasil, sempre no lugar do mestiço, acaba sendo ele todo transformado no corpo feminino da mulata e, como tal, é sexualizado. Tanto Padilla como Pontes chamam a atenção para essas conexões entre raça, sexo e representações.

Guilherme Mansur apresenta uma análise sobre mais um foco sensível de produção e reprodução de estereótipos: a questão do avanço em Portugal da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A partir de relatos sobre esse processo na mídia portuguesa, Mansur demonstra como uma série de representações atribuídas genericamente ao Brasil é redirecionada à IURD, permeando uma sensação difusa de “invasão”, muito bem retratada nos artigos analisados pelo autor. Os textos dessa quarta parte, portanto, atentam para processos de exotização, vistos do ponto de vista das comunidades imigrantes que se estudam, ou seja, preocupam-se com os processos de manejo dos estereótipos como parte de processos identitários. Os textos indicam como os processos de exotização têm relação com o cotidiano e as crenças dos imigrantes brasileiros, respostas tanto aos estereótipos portugueses como aos discursos de nação brasileiros.

O que a coleção de textos aqui apresentada indica é que são muitas as possibilidades, nesse mar de identidades. Portugal aparece como espelho turvo, refletindo imagens distorcidas que são *outras* imagens. Nem o brasileiro se reconhece plenamente, nem o português o reconhece. E as miradas a esse espelho são múltiplas, distintas, de ângulos diferentes, produzindo grande variedade de processos identitários. Assim, esta introdução se encerra esperando ter indicado como esta coletânea procura ilustrar as complexidades das migrações brasileiras em Portugal, tanto por sua diversidade quanto pela história também complexa entre esses dois países.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Gláucia de Oliveira. Estar aqui., estar lá.: uma cartografia da emigração valadarense para os EUA. In: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa (Orgs.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Ed. Boitempo, 1999. pp. 17-44.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira; SASAKI, Elisa Massae. Novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. In: *MIGRAÇÕES internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, 2001. pp. 615-639.
- BAGANHA, Maria Ioannis; FERRÃO, João; MALHEIROS, Jorge Macaísta. Os imigrantes e o mercado de trabalho: o caso português. *Análise Social*, v. 34, n. 150, 1999.
- BÓGUS, Lúcia. Esperança além-mar: Portugal no “arquipélago migratório” brasileiro. In: MALHEIROS, Jorge. *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: Acime, 2005.
- CAETANO DA SILVA, Eduardo. *Visões da Diáspora Portuguesa: dinâmicas identitárias e dilemas políticos entre os portugueses e luso-descendentes de São Paulo*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas.
- CBL (CASA DO BRASIL DE LISBOA). *A “2ª vaga” de imigração brasileira para Portugal (1998-2003). Estudo de opinião a imigrantes, residentes nos distritos de Lisboa e Setúbal*. Disponível em: <www.casadobrasildelisboa.pt>. Acesso em: 10/5/2004.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: constructions of sameness and difference. *Identities Global Studies in Culture and Power*, v. 8, n. 4, 2001.
- FOX, Richard. Introduction. In: Fox, Richard (Ed.). *Nationalist ideologies and the production of national cultures. American Ethnological Society Monograph Series*, n. 2, 1990.
- HALL, Stuart. Identidade cultural na diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, 1996.
- KAWAMURA, Lili Katsuco. *Para onde vão os brasileiros no Japão: estratégias de formação cultural*. 1999. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas.
- LINGER, Daniel Touro. *No one home: brazilians selves remade in Japan*. Stanford: Stanford University Press, 2001.
- MACHADO, Fernando Luís. Contornos e especificidades da imigração em Portugal. *Sociologia – Problemas e Práticas*, n. 24, 1997.
- MACHADO, I. J. R. *Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. 2003. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas.
- MACHADO, I. J. R. Implicações da imigração estimulada por redes ilegais de aliciamento – o caso dos brasileiros em Portugal. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8. setembro. 2004. *Apresentação...* Coimbra, 2004.
- MANSUR DA SILVA. *A ética da resistência: o “Portugal Democrático” e o exílio anti-salazarista (1956-1975)*. 2002. Dissertação (Mestrado) Unicamp, Campinas.
- MARGOLIS, Maxine. *Little Brazil – Imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas: Ed. Papyrus, 1994.
- MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.
- MARTES, A. C. B.; FLEISCHER, S. *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- OLIVEIRA, J. C. O retorno da migração internacional como componente da dinâmica demográfica brasileira – até quando? In: *MIGRAÇÕES internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, 2001.
- PALAU, Tomás. “Brasiguaios”. In: *MIGRAÇÕES internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, 2001. pp. 345-360
- PATARRA, Neide. Introdução. In: *MIGRAÇÕES internacionais: herança XX, agenda XXI*. Campinas: Programa Interinstitucional de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil, 1996a.
- PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais: uma nova questão demográfica (ponto de vista). *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 13, n. 1, jan-jun. 1996b.
- PEIXOTO, João. *A mobilidade internacional dos quadros – Migrações internacionais, quadros e empresas transnacionais em Portugal*. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- PEIXOTO, João. Os mercados da imigração: modos de incorporação laboral e problemas de regulação dos imigrantes estrangeiros em Portugal. *Cadernos Sociedade e Trabalho*, n. 11, 2002.
- REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa (Orgs.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Ed. Boitempo, 1999.

RIBEIRO, Gustavo Lins. O que faz o Brasil. Brazil: jogos identitários em São Francisco. In: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa (Orgs.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Ed. Boitempo, 1999.

ROSSINI, Rosa Éster. Lugar para viver e aqui, lugar para sobreviver e a migração internacional do Brasil para o Japão. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12. Belo Horizonte, ABEP. *Apresentação...* 2000.

ROTH, Joshua Hotaka. *Brokered homeland: Japanese Brazilian migrants in Japan*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2002.

SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Ed. Cortez, 1999.

SANTOS, Gustavo. *Sabiá em Portugal: a imaginação da nação na diáspora*. Campinas: Unicamp, 1996. (Monografia.)

SASAKI, Elisa Massae. *O jogo da diferença: a experiência identitária no movimento Dekassegui*. 1998. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - IFCH, Unicamp, Campinas.

SPRANDEL, Marcia Anita. *Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais*. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro.

TSUDA, Takeyuki. *Strangers in the Ethnic Homeland: Japanese Brazilian return migration in transnational perspective*. Nova York: Columbia University Press, 2003.

YAMANAKA, K. Return migration of Japanese-Brazilians to Japan: the nikkeijin as ethnic minority and political construct. *Diaspora*, v. 5, n. 1, pp. 65-97, 1996.

INTEGRAÇÃO DOS “IMIGRANTES BRASILEIROS RECÉM-CHEGADOS” NA SOCIEDADE PORTUGUESA: PROBLEMAS E POSSIBILIDADES¹

Beatriz Padilla²

INTRODUÇÃO: ALGUNS FATOS SOBRE OS BRASILEIROS EM PORTUGAL

Os brasileiros migram para Portugal desde há muito. Mas, no atual momento histórico, vêm ocupando novas vagas no mercado de trabalho, o que os faz ser considerados um dos novos grupos de imigrantes em Portugal. Os primeiros brasileiros a chegar em Portugal eram refugiados políticos durante a ditadura e descendentes de portugueses, além de profissionais altamente qualificados, que, de acordo com alguns estudiosos (BAGANHA & GÓIS, 1999; PEIXOTO, 2002), ajudaram Portugal a entrar para a União Européia, bem como ajudaram em sua transição.

A maioria desses profissionais altamente qualificados pertencia, obviamente, às classes média e média-alta, ocupando vagas como peritos nas seguintes áreas: telecomunicações, computadores/informática e publicidade. Dentro dessa gama de especialidades, também os dentistas estavam incluídos, ocupando lugar de importância. Primeiramente, eles tiveram de lutar para serem reconhecidos e para conseguir um espaço para desempenhar a profissão; só depois desse longo processo é que conseguiram se integrar na sociedade portuguesa (MACHADO, 2003).

Segundo Bela Feldman-Bianco (2001), o problema com os imigrantes brasileiros em Portugal surgiu no início de 1990, quando seu fluxo tinha duas características principais: o elevado número (uma vez que eram muitos); e o fato de terem um *background* menos privilegiado (percebidos como pobres na socie-

1 Trabalho originalmente apresentado na 9ª Conferência Internacional Metropolis “Cooperative Migration Management”, ocorrida de 27 de setembro a 1º outubro de 2004, em Genebra, na Suíça.

2 Investigadora do CIES/ISCTE e professora da UAL.